

# Reflexões sobre a educação a partir do filme “O garoto selvagem”

Reflections on education from the movie “The wild boy”

Flávia Burdzinski de Souza<sup>1</sup>, Rosi Kelly Regina Marmitt<sup>2</sup>,  
Daliane Bencke<sup>3</sup>, Jonatan Ismael Eisermann<sup>4</sup> e Juliana  
Bortoluzzi Turra<sup>5</sup>

## RESUMO

O presente trabalho é uma proposta de estudo das disciplinas de Psicologia e Sociologia da Educação, do segundo semestre do curso de Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal Farroupilha – *campus* Santa Rosa. O objetivo consiste em analisar o filme “L’enfant Sauvage”, traduzido para a língua portuguesa como “O Garoto Selvagem” ou “O Menino Selvagem”, através de uma pesquisa bibliográfica, referente às temáticas estudadas pelas disciplinas e de uma pesquisa participativa que parte da interação entre professora e alunos no decorrer do estudo e escrita. O filme narra a trajetória de educação de um menino de 11 a 12 anos, batizado de Victor, que foi encontrado em uma floresta vivendo sozinho. O menino possuía hábitos considerados “selvagens”, não falava, andava como um quadrúpede e alimentava-se de raízes e plantas. A história possibilitou refletir sobre o que nos torna humanos e qual a função e o papel da educação na formação das pessoas. Apesar de nascermos com condições biológicas, é necessário viver um processo de humanização, baseado numa educação social e consciente da realidade em que estamos inseridos, para vir a se tornar humanos. Neste sentido, foi possível perceber que a socialização e a interação são fundamentais no processo de desenvolvimento e aprendizagem humana, o que nos leva a pensar sobre a qualidade desenvolvida nesses processos e também no papel de quem desempenha essas funções.

**Palavras-chave:** Educação. Socialização. Aprendizagem. Humanização.

## ABSTRACT

The present work is a proposal to study the subjects of Psychology and Sociology of Education, from the second semester of Degree in Mathematics, at Instituto Federal Farroupilha, *campus* Santa Rosa. The purpose is to analyze the film “L’enfant Sauvage”, translated into Portuguese as “The Wild Boy” or “The Wild Child”, through a bibliographic research, relating to studied thematic by subjects and from a participative research which starts from the interaction between a teacher and their students in the course of the study and writing. The film narrates the educational trajectory of a boy of 11 to 12 years, named Victor, who was found in a forest living alone. The boy had considered habits as “wild,” did not speak, walked like a quadruped and fed on roots and plants. The story enabled to think over what makes us human and what is the function and role of education in the formation of people. Although, we born with biological conditions, it is necessary to live a process of humanization, based on a social and conscious education of the reality in which we are inserted, to become humans. In this regard, it could be noted that socialization and interaction are fundamental in the development process and human learning, which lead us to think about the quality developed on those processes and also in the role of who performs these functions.

**Keywords:** Education. Socialization. Learning. Humanization.

1 (flavinhabdesouza@yahoo.com.br) Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santa Rosa

2 (rosi.marmitt@ufrgs.br) Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santa Rosa

3 (dalianebencke96@gmail.com) Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santa Rosa

4 (jonatan.eisermann@hotmail.com) Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santa Rosa

5 (juliana.b.turra@hotmail.com) Instituto Federal Farroupilha *Campus* Santa Rosa



## 1. Introdução

Este trabalho parte dos estudos desenvolvidos nas disciplinas de Sociologia e Psicologia da Educação, do Curso de Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal Farroupilha - *Campus Santa Rosa*, a fim de refletir sobre o processo de educação e formação humana, levando em conta a socialização e a interação entre os indivíduos.

Para realizar a análise e a reflexão sobre os fatos narrados no filme, foram utilizados autores estudados nas duas disciplinas, principalmente Sonia M. Portella Kruppa (1994), Marília Freitas de Campos Tozzoni-Reis (2010), Iris Barbosa Goulart (2013), Lev Vygotsky (2001, 2005), Alexander Romanovich Luria e Mikhail Yudovich (1985), entre outros que contribuíram para que os acadêmicos e futuros docentes pudessem refletir sobre o que nos torna humanos e sobre a importância da interação no processo de aprendizagem. Para isso, o trabalho tem cunho qualitativo e utilizou-se de pesquisa bibliográfica e participativa para ser desenvolvido.

O filme "*L'enfant sauvage*", produzido na França no ano de 1969, narra a história real de um garoto de aproximadamente 11 anos, que fora encontrado, por volta de 1797, na floresta de Lacaune na França. O menino foi apelidado de "selvagem de Aveyron", pois foi encontrado nu, alimentava-se de grãos e raízes, não andava como um bípede e nem falava, escrevia ou lia, de modo que era excluído pela sociedade.

O menino foi levado para Paris, para verificar seu grau de inteligência e o comportamento de sua mentalidade, uma vez que desde cedo fora privado da educação já que vivia sozinho na floresta. Na cidade-luz, foi levado numa instituição de "surdos-mudos"<sup>1</sup>, pois não se comunicava e não entendia o que lhe era dito. Um dos médicos, Sr. Pinel, concluiu que o menino poderia ter sido abandonado por apresentar alguma deficiência de modo a não sugerir uma reeducação. O fato de abandonar crianças deficientes era muito comum no final do século XVIII, visto que o "padrão de normalidade" fazia com que as famílias sentissem vergonha perante a sociedade.

Apesar dos diagnósticos feitos por vários médicos franceses, dizendo que o menino era deficiente mental – retardado e surdo-mudo, o médico Jean Itard, não se contentou, pois não pensava da mesma forma que seus colegas. Ele acreditava que o estado do garoto era por conta da ausência de convívio social e da situação de abandono que sofrera, sem nenhum tipo de educação ou contato com os seres humanos. Deste modo, Itard tornou-se responsável pelo caso, supondo que através da educação seria capaz de socializar o menino, tornando-o civilizado e independente.

O filme tem seu enredo centrado na trajetória de educação e treinamento na qual o menino foi submetido na casa do médico. Educação que é analisada e refletida no decorrer deste trabalho.

## 2. O que nos torna humanos? O que torna possível a educação?

O que nos torna humanos e o que torna possível a educação foram dois questionamentos que acompanharam o percurso de análise e reflexão sobre a história do filme, a fim de subsidiar a pesquisa de referenciais que pudessem vir ao encontro de possíveis respostas. Será que nascemos humanos? Qual é o papel da educação nesse processo? Frente a estas inquietações, os acadêmicos de Licenciatura em Matemática foram desafiados a pesquisar subsídios teóricos que pudessem sustentar a análise do filme e compor os estudos nas disciplinas de Psicologia e Sociologia da Educação que faziam parte da grade curricular no momento. Além disso, puderam fazer relações com outras disciplinas que já haviam sido estudadas no semestre anterior, como Filosofia da Educação e História da Educação.

---

1 Termo usado na época para se referir a pessoas surdas.

Itard, acreditando que não nascemos humanos, mas sim nos tornamos através da educação, começou o trabalho de educar o “garoto selvagem”, contando com a presença de uma governanta em sua casa, Sra. Guerin, paga pelo governo para ajudar a cuidar e ensinar o menino. As experiências, metodologias utilizadas e o progresso obtido com o menino foram anotados pelo médico, o que posteriormente foi transformado no livro “A educação de um homem selvagem” e servido de base para a narrativa do filme.

Itard acreditava que o baixo nível de inteligência do menino era fruto de sua privação social, pois viveu separado dos indivíduos de sua espécie por pelo menos sete anos. O médico e sua governanta batizaram o menino de Victor devido a pronúncia do som que ele escutava – “O” – e reconhecia como um grunhido.

A expectativa de Itard era que Victor perdesse seus hábitos selvagens, passando a falar e se comportar dentro de um padrão de “normalidade”, dentro dos parâmetros que a sociedade esperava na época; um indivíduo que soubesse agir, conviver e corresponder aos interesses culturais daquela população francesa. Por esse motivo e, principalmente, por não ser dotado de paciência em abundância e pela urgência de adaptação, o médico utilizou um comportamento mais severo na educação do garoto, passando a ampliar o tempo destinado a este processo.

A sociedade local acreditava que o médico fracassaria e que não seria possível educar Victor. Mas como educar um menino que ficou tanto tempo sozinho na floresta, sem interação social?

Normalmente, a criança logo ao nascer já convive com outras pessoas, sendo inserida na sociedade, o que a leva a construir sua história de vida a partir do convívio com os outros. Isso não aconteceu com Victor. Conforme Peter e Brigitte Berger apud Kruppa:

[...] podemos afirmar que a experiência social também começa com o nascimento. O mundo da criança é habitado por outras pessoas. [...] desde o início a criança desenvolve uma interação não apenas com o próprio corpo e ambiente, mas também com outros seres humanos. A biografia do indivíduo desde o nascimento é a história de suas relações com outras pessoas (1994, p.24).

Segundo as ideias de Tozoni-Reis (2010), embora as pessoas nasçam com condições biológicas para vir a serem humanas, elas precisam viver um processo de humanização, baseado numa educação social e consciente da realidade em que estão. Como Victor cresceu privado do convívio social, ele não passou pelo processo de humanização, necessário para sua formação.

Para Victor conhecer o mundo social e inserir-se nele, Itard utilizou métodos didático-educativos baseados na imitação, condicionamento e modificação da conduta e do comportamento, até então considerados inovadores; os quais o tornam um dos pioneiros da educação especial.

Com o uso de tais métodos, Victor teve progresso notório, associando desenhos e nomes de objetos, compreendendo algumas expressões de desejo e aprendendo a seguir ordens. Também desenvolveu sentimentos, como o afeto pela governanta Sra. Guerin, além de expressar orgulho, vergonha e desejo de com prazer.

A educação proposta por Itard tem um sentido totalmente oposto aos sucessores de Rousseau, uma vez que os mesmos defendiam o inatismo, teoria que acredita que a pessoa nasce com qualidades, não importando ao fato do ser humano ser alguém sociável e não isolado (MOREIRA, 1999). Itard pretendia fazer com que Victor compreendesse esse processo de comunicação, trazendo do subconsciente para o consciente (aspecto estudado pelo psicanalista Freud). Tal fato é evidenciado no trecho de uma das falas de Itard durante o filme: “*Ouve-nos sem nos escutar. Olha-nos sem nos ver*”. Victor ainda não havia identificado com Itard esse mundo que lhe estava sendo introduzido, não havia atribuído um sentido a isso.

Itard acreditava que através do convívio com a sociedade e do afeto, o ser humano acaba sendo

humanizado, e quem faz esse elo de aprendizagem é a educação. Aos poucos Victor vai compreendendo esse processo de reação humana, evidenciado no momento em que se revolta com seu tutor ao ser castigado e trancado num quarto depois de realizar uma tarefa com sucesso. "Era a prova incontestável de que o sentimento do justo e o injusto, cimento perdurável de toda a ordem social, não era já estranho ao coração do meu educando; provocando nele o seu desenvolvimento e elevando-o à altura do homem moral, pelo mais privativo dos seus caracteres e o mais honroso dos seus atributos" (Filme).

Conforme Tozoni-Reis (2010) para o homem vir a ser humano é necessário que ele passe por um processo de humanização, direto e intencional, sendo um processo social e consciente. Ainda, sobre este processo é necessário ressaltar que "[...] a finalidade imediata da educação (muitas vezes não cumprida) é a de tornar possível um maior grau de consciência, ou seja, de conhecimento, compreensão da realidade da qual nós, seres humanos, somos parte e na qual atuamos teórica e praticamente" (RIBEIRO apud REIS, 2010, p. 2).

Através de Itard, Victor começou seu processo de socialização e humanização, ou seja, a transição do homem primitivo para o cultural. O processo de humanização vai conter um processo histórico e social da formação humana, em que a educação vai ter a função de realizar essa tarefa. Para isso, o sujeito deverá conhecer e interpretar a realidade social na qual está inserido e atuar sobre ela, ajudando na sua construção (TOZONI-REIS, 2010). A autora ainda afirma que o próprio ser humano deve ajudar na socialização do outro:

Se os seres humanos não trazem ao nascer os instrumentos necessários para compreender as leis da natureza e da cultura (das sociedades), e não podem contar com a possibilidade de que isso aconteça "naturalmente", o processo de formação do ser humano tem que ser intencionalmente dirigido, pelos próprios seres humanos que se relacionam socialmente (p. 2).

Assim percebemos que é no convívio com o outro, na interação, que o processo de humanização é desenvolvido, de forma intencional e dirigida. A autora Sonia Kruppa ressalta que o processo de socialização se preocupa com a formação humana:

O processo educativo que procura tornar o indivíduo um membro da sociedade é chamado de 'socialização'. A socialização, e, por decorrência, a educação dependem da capacidade que os homens têm de influírem uns nos comportamentos dos outros, modificando-se mutuamente, no processo de interação social. Em outras palavras, é a capacidade de os homens reagirem, de serem capazes de atuar junto a outros homens, aprendendo e ensinando, que torna possível a educação (1994, p. 23-26).

Itard investiu no processo educativo de Victor, influenciando em seu comportamento. Apesar disso o menino vinha acompanhando atividades que estavam voltadas para a sua experiência, pois a relação que tinha com a natureza era instintiva e muito presente. Por isso confundia as atividades pelo motivo biológico, a exemplo a tigela utilizada para ganhar o leite de um adulto, em que a falta de consciência nessa finalidade fez com que Victor não tivesse a capacidade de analisar o motivo disso e a possibilidade de usar a tigela para outros fins. Dessa forma, não há a constituição de uma atividade racional e planejada, mas sim um resultado de ações mecânicas e condicionadas. O menino não é levado a pensar sobre a ação, mas sim a executá-la com precisão.

Tal fato também é percebido com outros objetos que Itard tentava lhe ensinar, a reação do menino era limitada a algo mecânico; com as palavras era o mesmo processo, pois acabava memorizando as letras. Quando iniciava algo mais complexo, o garoto começava com crises de fúria, pois não conseguia resolver o que lhe era pedido. Essa memorização é treinada através de reforços

positivos (tese de Skinner), neste caso o copo de água.

Moreira (1999) salienta que a proposta de Skinner defende que o ser humano é uma tábula rasa, nasce sem nenhuma herança biológica e vai aprender através do seu ambiente. A criança para mostrar que aprendeu deve exibir um comportamento apropriado/adequado, não importa, portanto, os processos intermediários, o que importa é “o comportamento observável” (p. 50). Se o indivíduo responder a um reforço positivo será recompensado, caso contrário será castigado, deste modo o comportamento é controlado por estímulos e reforços. Assim, “recompensas e punições desempenham um papel importante na vida diária. As pessoas tendem a se comportar de modo a obter recompensas e a evitar as punições” (p. 51).

Conforme Moreira (1999), o empirismo, idealizado inicialmente por Aristóteles, acredita que as informações só se tornam conhecimento quando o indivíduo entra em contato com o objeto de estudo através dos sentidos, partindo de ideias mais simples para compreender as mais complexas. Essa perspectiva defende a posição de que o conhecimento está na realidade exterior e ele é adquirido através do hábito, sugerindo a memorização como um componente importante no processo educativo.

Já o inatismo teve como precursor Platão e defende a ideia de que o ser humano nasce com aptidões, conhecimentos, qualidades e habilidades pré-definidas. O papel do educador, neste caso, é organizar essas características, trazê-las ao consciente do educando, interferindo o mínimo possível. Conforme Platão, é o inatismo que explica a posição social de cada indivíduo, uma vez que cada pessoa nasce com características específicas, não considerando a possibilidade de mudanças.

Mais tarde, no século XX, buscando conciliar e ser um meio entre essas duas teorias consideradas opostas, surge a abordagem epistemológica interacionista ou cognitivista, que dá origem ao construtivismo. Essa corrente é desenvolvida principalmente pelos postulados de Lev Vygotsky e Jean Piaget. De acordo com os autores, o ser humano possui características próprias, porém elas somente serão desenvolvidas se o meio as favorecer, pois não basta ter contato com o conhecimento, é preciso existir um processo de interação entre o sujeito e o objeto a fim de que possa ser construído e significado (MOREIRA, 1999). Portanto o educador deverá desafiar o educando e propor atividades em que ele possa agir e interagir com o objeto de estudo.

O médico, em grande parte do processo educativo de Victor, limitou-se na concepção empirista, e não chegou a se aproximar da proposta interacionista. Ele acreditava que por meio de atividades de repetição e memorização Victor desenvolveria a capacidade da fala, leitura e escrita, porém sabemos que estas linguagens não têm um processo de desenvolvimento tão simples assim.

Apesar do esforço de Itard, Victor não desenvolveu a fala, limitou-se nas suas necessidades e desejos, sempre com atividades costumeiras antes do processo de socialização, descritos por Itard no seu relatório “*pela liberdade do campo aberto e a sua indiferença à maioria dos prazeres da vida social*” (Filme).

Uma das poucas palavras que Victor falou foi “lait” (leite em francês), ao receber a bebida pelas mãos de Itard ou Guerin. Mais tarde, com as aulas dadas pelo Dr. Itard, o menino já havia memorizado a posição das letras do alfabeto em seu letreiro de madeira e, sem entender o processo de formação de sílabas e palavras, já sabia a ordem das letras para formar a palavra lait. Esses foram os principais avanços que o professor constatou, embora ainda fosse insuficiente em sua concepção.

O fato de não desenvolver a linguagem falada, pode ter sido uma das causas que afetou a construção do seu pensamento e processo intelectual, uma vez que a comunicação junto com a interação social possibilitará à criança a apropriação dos objetos humanos, ou seja, ela reproduzirá as ações humanas. Luria e Yudovich (1985) pontuam que durante muito tempo a linguagem humana, principalmente a palavra, era considerada apenas como um aspecto de hábito motor, hoje os estu-

dos mostram que ela tem um "lugar especial na conduta da criança" (p.7).

A palavra tem uma função básica, não só porque indica o objeto correspondente do mundo externo, mas também porque abstrai e isola o sinal necessário, generaliza os sinais percebidos e os relaciona com determinadas categorias. A esta sistematização da experiência direta deve-se o fato de o papel da palavra na formação dos processos mentais ser tão excepcionalmente importante (LURIA e YUDOVICH, 1985, p. 12).

O que Luria e Yudovich pontuam é que além de indicar as coisas, as palavras ajudam a formar categorias, isolam, relacionam, sintetizam e marcam a formação dos processos mentais. Os autores salientam que a mãe é um exemplo de pessoa que mostra as primeiras palavras a uma criança, as quais ajudam a formar as primeiras nomeações. A palavra do adulto auxilia a criança a desenvolver um longo caminho de pensamento consciente, voluntário e complexo.

Lev S. Vygotsky foi um dos pioneiros na investigação do papel que a linguagem representa na formação dos processos mentais. Em seus estudos, observou que a fala – a palavra – ajuda no processo de desenvolvimento intelectual. A palavra é ao mesmo tempo comunicação e instrumento do pensamento, conforme explica Luria (1987). Esse signo nos dá a possibilidade de compreender a gênese dos processos psíquicos — como os sujeitos pensam, elaboram e agem sobre o mundo com o uso dos signos, como por exemplo, a escrita, que é um signo muito importante na apropriação do mundo cultural.

Itard mostrava em algumas cenas do filme que sabia da importância da fala para a compreensão dos objetos, porém não conseguiu avanços, talvez devido às consequências ou danos irreversíveis ao menino viver há vários anos sozinho, sem contato com a sociedade; talvez por apresentar alguma deficiência; ou talvez pelo fato de o menino não atribuir significado ao que aprendia.

É importante salientar que:

A palavra precisa de significado para existir, sem sentido a palavra é um som no vazio. As palavras sem sentido, sem entendimento, não significam nada para a criança. Qualquer significado dado à palavra surge em razão de um pensamento, de uma generalização, de um conceito (SOUZA, 2012, p. 60).

Conforme defende Vygotsky (2001), o significado da palavra é um discurso do pensamento:

[...] todo significado da palavra é, por um lado, um discurso, porque está na natureza da palavra o fato de ela ter certo significado (as palavras desprovidas de significado são simplesmente um som vazio) e, por outro lado, todo significado representa uma generalização" (p. 521).

Assim é possível salientar que sem significado, a palavra não opera no sistema psíquico da criança, pois não tem sentido. Vygotsky salienta que: "(...) a verdadeira comunicação requer significado, isto é generalização" (2005, p. 7). Por isso, talvez Itard não conseguiu grandes avanços em termos linguísticos com Victor, pois as palavras eram repetidas e treinadas para poder exibir um comportamento adequado, sem o objetivo de significação, o que não estabelecia uma comunicação mútua.

Vygotsky (2008) afirma que o nível de desenvolvimento do pensamento, ou seja, o desenvolvimento das capacidades mentais superiores, tipicamente humanas, varia de acordo com o mediador (professor). Todo mediador tem um papel fundamental no desenvolvimento e na aprendizagem infantil, pois ele age na zona de desenvolvimento proximal (ZDP), ou seja, naquilo que está em processo de desenvolvimento. Aquilo que a criança já sabe está num nível de desenvolvimento real, mas o que se deseja já está em um nível potencial.

Sobre o conceito de ZDP o autor esclarece que:

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de “brotos” ou “flores” do desenvolvimento, ao invés de “frutos” do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente (VYGOTSKY, 2008, p. 113).

Apesar da teoria de Vygotsky surgir muito tempo depois do caso ocorrido, podemos ver que há ligação com as situações discutidas no filme, pois este pensador defende que as características típicas do ser humano não nascem com o indivíduo, mas resultam da interação dialética do homem e seu meio sociocultural – o que caracteriza a abordagem histórico-cultural.

Mesmo que houvesse uma deficiência no menino, percebe-se no filme que não houve um processo de humanização no qual permitisse que Victor aprendesse a cultura humana já que “[...] as aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente *dadas* aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas *postas*” (LEONTIEV *apud* PEREIRA; GALUCH, 2012, p. 565). Ou seja, a cultura humana é aprendida por meio de interação, da socialização, do processo de constituição e vida humana.

O filme também retratou a falta que Victor sentia de viver na natureza. Em vários momentos ele ficava na janela da casa, olhando e vislumbrando seu antigo habitat: a floresta. Percebendo isso, Itard, por vezes, levava-o para correr ao ar livre, amenizando esse processo de civilização e humanização e recompensando-o por seu esforço.

Com o passar do tempo, Victor foi se acostumando com a vida social humana e perdendo algumas características selvagens, como por exemplo, o início ou reinício do desenvolvimento das células sensoriais e, conseqüentemente, da sensação de frio e calor. O garoto também deixou de dormir no chão e acostumou-se a dormir na cama. Além disso, ele passou a desenvolver sensações, como de tristeza e de alegria, chegando a chorar em alguns momentos, algo incomum em sua antiga vida selvagem. Na maioria de seus choros e descontroles era necessário chamar a madame Guérin para acalmá-lo, uma vez que Itard não conseguia realizar esta tarefa sozinho.

Um dos objetivos traçados por Itard era que Victor se alfabetizasse, mas isso não ocorreu, o menino não aprendeu a ler e escrever. Vygotsky (2005) pontua que essas linguagens são aprendizagens importantes para a estrutura do pensamento, para a evolução da comunicação e para o desenvolvimento infantil. Com esse aprendizado, as crianças se abrem para o mundo, ocupando um espaço social e se relacionando com outras pessoas.

Pereira e Galuch, salientam que:

Nessa fase, a criança ultrapassa a manipulação de objetos e passa a assimilar a realidade que a circunda, reproduzindo, por meio de atividades e jogos, as ações humanas. O menino selvagem sequer teve suas necessidades vitais supridas, como normalmente ocorre nessa fase, cujos sentimentos de dependência e segurança permitem formar os círculos sociais íntimos que, doravante, prepararão a criança para a reestruturação que seu papel social sofrerá no ambiente escolar (2012, p. 566).

A educação é responsável por ensinar a cultura humana, pois assim a pessoa se apropria de conceitos que a sociedade constrói. Isso somente acontecerá se o ensino trabalhar o pensamento abstrato, que é bem diferente do ensino que Victor recebeu, pois este estava voltado somente para as suas necessidades biológicas e de sobrevivência.

Depois de viver por cerca de oito meses na casa de Jean Itard, Victor fugiu. Suspeita-se que ele tenha voltado para a floresta, mas, por ter suas antigas habilidades já debilitadas com o processo de humanização, não se adaptou como antes a ela e voltou depois de alguns dias para a casa do médico.

Durante o tempo que o garoto estava fora, Itard fez uma análise do progresso da educação de Victor, chegando a conclusão de que apesar de desenvolver um espírito de justiça, memorizar e atender as tarefas de ensino e falar uma única palavra, o garoto não desenvolveria a fala muito além disso. Por isso desiste do processo. Conforme relatos e estudos, Victor cresceu aos cuidados de sua governanta, a madame Guérin, e morreu aos 40 anos.

De certa forma, a própria história do Garoto de Aveyron retrata um possível insucesso do comportamentalismo e do empirismo, e nos faz refletir se realmente seria capaz de educar o menino e transformá-lo em um ser dito humano, que consiga interagir e viver em sociedade. Fica a dúvida: qual seria o resultado do processo educativo de Victor se Itard tivesse utilizado outra metodologia? Teria sido esta um empecilho?

É importante lembrar que, embora Itard não tenha atingido seu objetivo por completo, ele conseguiu obter algumas mudanças significativas no comportamento de Victor. O garoto conseguiu adaptar-se como bípede, aprendeu a manusear algumas ferramentas, construiu o senso de justiça, desenvolveu seus sentimentos. Talvez, o que realmente tenha faltado foi uma maior incorporação e integração com a sociedade, pois, segundo a teoria comportamentalista, o indivíduo se comporta e constrói sua personalidade conforme o meio em que vive. Porém, a sociedade geralmente ignorava e rejeitava Victor, não acreditava que seria possível torná-lo uma pessoa "normal", principalmente devido aos paradigmas vigentes na época. A educação e a humanização são processos dependentes da interação e aceitação social.

### **3. Metodologia**

A realização deste trabalho foi desenvolvida metodologicamente através da pesquisa bibliográfica (ANDRÉ e LUDKE, 1986) e participativa (SOARES, 2006). Na pesquisa bibliográfica foi realizada uma revisão da literatura do tema, envolvendo assuntos como: educação, socialização, interação, teorias de aprendizagem, formação humana, psicologia do desenvolvimento infantil, entre outros. Essa pesquisa colaborou na significação de conceitos necessários para analisar a história narrada no filme e para tentar responder aos questionamentos que moveram a investigação: o que nos torna humanos? O que torna possível o processo de educação?

Para desenvolver esta pesquisa, a professora em sala de aula orientou e indicou bibliografias, autores, textos e obras que pudessem servir para sanar as dúvidas e os anseios levantados com o filme. Muitos estudos também foram desenvolvidos em aula através de seminários, leituras e debates, que proporcionaram realizar muitas relações com o enredo do filme.

Em aula o filme foi assistido e debatido após os estudos sobre as teorias de aprendizagem já estarem em andamento, bem como os estudos sociológicos da educação. A partir do conhecimento da história, os acadêmicos iniciaram a construção do texto, mantendo interação e trocas de ideias constante com a professora que orientava o trabalho, através das aulas presenciais e também através de endereços eletrônicos. Processo que constitui a pesquisa participativa e que durou um semestre letivo, de julho a dezembro de 2015.

Assim, a pesquisa participativa é composta pelo diálogo, parceria, reflexão, narrativas e trocas, "(...) é também, um processo de investigação densamente trespassado de significados e valores" (SOARES, 2006, p.29), isto implica dizer que escolher essa metodologia sugere a construção conjunta de um caminho e de conhecimentos partilhados. Estas estratégias foram organizadas desde o

momento de análise do filme, que em conjunto, professora e acadêmicos foram postos a refletir e conversar sobre o que se passava na história, até o momento da devolução final da resenha crítica.

As aulas foram alavancas desencadeadoras de discussões e reflexões voltadas ao filme. A cada texto estudado, autor conhecido, e-mail trocado, foi possível ir estabelecendo relações significativas entre a história de vida de Victor com o conteúdo estudado em aula. Foram marcadas duas datas para entrega da produção, uma no meio do semestre e outra ao final. Além disso, o processo foi acompanhado durante as aulas, pois as interações entre professora e alunos também foram essenciais para a construção de mais relações.

O filme e a construção do texto ampliaram o conhecimento de todos os participantes da atividade, principalmente no que se refere às teorias de aprendizagem, metodologias de ensino e processo de humanização. Assim, foi possível obter maior contato, interação e aprofundamento dos conceitos já estudados em sala de aula. Com certeza, foi uma atividade que propiciou troca e busca pelo conhecimento, além de dar complementaridade ao processo de formação de futuros educadores.

#### **4. Considerações finais**

Através do filme, podemos perceber que apesar do método utilizado por Itard ser questionado por muitos estudiosos da corrente interacionista de aprendizagem, ele trouxe alguns resultados satisfatórios no processo de educação de Victor. Além disso, foi possível evidenciar que o convívio social é fundamental no processo de socialização e adaptação.

Outro aspecto observado foi o contato com a sociedade, que ao nosso ponto de vista era insuficiente, pois Victor demonstrava dificuldades em manter interação com as pessoas, talvez em razão da forma como foi tirado da floresta, de maneira agressiva por caçadores que o trataram como um “animal”. Também houve fatos ocorridos no Instituto de Surdos-Mudos que não possibilitaram uma sociabilidade amigável, uma vez que o garoto era rejeitado pelas outras crianças e ainda explorado pelos guardas.

Hoje existem vários métodos e pressupostos diferentes para o ensino, os quais foram construídos através da teoria interacionista de aprendizagem, e buscam trabalhar com o conhecimento que a criança possui e a partir disso apresentar e relacionar o conhecimento científico trabalhado pela escola, por meio da mediação. O interacionismo evidencia que a interação do sujeito com o meio em que vive e com o objeto de conhecimento, é essencial para a aprendizagem. A aprendizagem será uma procura de sentido, pois para os defensores desta tendência (interacionista) só aprendemos se atribuímos significado e sentido. Para isso, é necessário compreender o desenvolvimento que os alunos utilizam para interpretar o mundo e os pressupostos que estão por detrás dos processos mentais.

Pensando no menino selvagem dos dias atuais, temos muitas crianças que vivem em situações de vulnerabilidade social, que não seguem os moldes do sistema. Temos neste contexto a pedagogia de Paulo Freire, que trabalha a educação justamente com essa população desfavorecida da sociedade, levando-a a entender a sua situação de oprimido para se libertarem deste sistema, através de uma educação transformadora.

Freire *apud* Duarte e Silva (2014) defende que as classes populares possuem um saber que não é valorizado pela sociedade e que a educação deve partir desse conhecimento do povo e com ele fazer uma reflexão para a consciência de sua importância. O autor desejava assim que adquirissem uma capacidade de compreender o funcionamento da sociedade onde estão inseridos e a partir disso fazer o processo de conscientização crítica, tudo construído através do diálogo para conseguirem intervir no mundo.

A escola possui várias funções sociais podendo ser redentora, reprodutora ou transformadora. A função redentora busca salvar a sociedade da situação em que se encontra, a reprodutora reproduz a sociedade na sua forma de organização, e a transformadora busca mediar a busca de entendimento da vida e da sociedade, contribuindo assim para "transformá-la" (LUCKESI *apud* TOZONI-REIS, 2010, p. 4).

Para a sociedade, a desigualdade social é vista como uma distorção que através da educação pode ser superada. E a educação deve garantir a construção de uma sociedade igualitária e a formação dos sujeitos. O que acontece na maioria das vezes é que ela reproduz o que a elite defende, omitindo algumas verdades. Por isso, podemos afirmar que a escola não é neutra, mas exerce um papel político na formação de cada ser humano (TOZONI-REIS, 2010).

Como professores, temos um papel importantíssimo na construção do conhecimento, devemos defender uma educação transformadora que ajude a construir uma sociedade mais justa e igualitária. Devemos sair do modo reprodutor das nossas escolas e formar sujeitos capazes de refletir sobre as desigualdades sociais existentes, ajudando na formação de valores sociais e culturais e para o desenvolvimento da prática social, ou seja, na formação de sujeitos sociais críticos e conscientes. Tozoni-Reis (2010, p.10) defende que "o sentido público da escola pública é servir aos interesses públicos que são os interesses da maioria da população".

A partir das reflexões mantidas em aula, percebemos que a educação não se limita à escola, precisamos estabelecer um diálogo para que nossas ações tragam mudanças e rupturas de paradigmas da sociedade e que possam contribuir para melhorá-la. Pontuamos que é preciso formar sujeitos capazes de questionar o sistema, de propor mudanças estruturais e defender uma educação transformadora comprometida com os valores ético-culturais e, principalmente, com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Neste sentido, sentimo-nos comprometidos com a qualidade do processo educativo e socializador proposto às crianças e jovens.

As reflexões e estudos nos levam a pensar: que ser humano quero formar? Que educação desejo? São esses pensamentos que nos ajudam a fazer as escolhas na docência.

## Referências

- ANDRÉ, M; LÜDKE, M. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- CAVALCANTI, C. J. de H.; OSTERMANN, F. **Teorias da Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf, 2011.
- DUARTE, L. R.; SILVA, M. S. da. A Relação Educador-Educando através da Teoria Freireana. In: FÓRUM DE ESTUDOS LEITURAS PAULO FREIRE, 16., 2014, Santo Angelo. **Anais...** Santo Angelo, URI, 2014. Disponível em: < [http://www.santoangelo.uri.br/forum\\_paulo\\_freire\\_2014/anais\\_paulo\\_freire\\_2014.pdf](http://www.santoangelo.uri.br/forum_paulo_freire_2014/anais_paulo_freire_2014.pdf)>. Acesso em: 20 out. 2015.
- O MENINO selvagem. Direção de François Truffaut. França: [s.n.], 1969.
- GOULART, I. B.. **Psicologia da Educação**: fundamentos teóricos Aplicações à Prática Pedagógica. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- KRUPPA, S. M. P. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- LURIA, A. R. YUDOVICH, M. **Linguagem e desenvolvimento intelectual na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.
- PEREIRA, T. M. dos A.; GALUCH, M. T. B. O garoto selvagem: a importância das relações sociais e da educação no processo de desenvolvimento humano. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, 553-571, maio/ago. 2012.
- SOARES, N. F. A investigação participava no grupo social da infância. **Currículo sem Fronteiras**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 25-40, 2006.
- SOUZA, F. B. de. **Significação Conceitual na Alfabetização Escolar**: um trabalho com projetos no primeiro ano do ensino fundamental. Ijuí: Unijuí, 2012.
- TOZONI-REIS, M. F. de C. **A Contribuição da Sociologia da Educação para a Compreensão da Educação Escolar**. São Paulo: UNESP, 2010. Disponível em: < <http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/169/3/01d09t03.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2015.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.